

DESCUIDOS DO TRABALHO E TRABALHO DOS CUIDADOS

WORK CARELESSNESS AND CARE WORK

DESCUIDOS DEL TRABAJO Y EL TRABAJO DE CUIDADOS

Ricardo Antunes¹

Como citar este artigo: Antunes R. Descuidos do trabalho e trabalho dos cuidados. Rev baiana enferm. 2020; 34:e33924.

As agudas transformações em curso no capitalismo informacional-digital, sob impulsão financeira, vêm alterando significativamente o que denominamos como nova morfologia do trabalho. Cada vez mais a forma de produção tayloriano-fordista torna-se, tendencialmente, mais parte do passado do que do presente. Dadas, entretanto, as desigualdades existentes no interior da divisão internacional do trabalho, com suas conformações societárias distintas em suas singularidades e particularidades, o capitalismo não para de impulsionar as plataformas digitais, que se expandem cada vez mais, afetando não só o mundo da grande indústria e da agricultura, mas especialmente o chamado setor de serviços. Todos eles, entretanto, estabelecem relações e intersecções cada vez mais imbricadas, de que são exemplos a agroindústria, os serviços industriais e a indústria de serviços.

Plataformas digitais, novas cadeias produtivas de valor, tudo isso redesenha ainda mais o universo laborativo, oferecendo novos elementos para uma melhor inteligência de sua morfologia. As precarizações, as terceirizações, a explosão das distintas formas de ser da informalidade, a exponencial intensificação nos processos e nos tempos de trabalho⁽¹⁻²⁾, toda essa processualidade, comandada pela lógica destrutiva que preside o movimento dos capitais e de suas corporações, vem trazendo profundas consequências também para a saúde da classe trabalhadora.

Os adoecimentos, os tantos assédios (sociais e sexuais), os múltiplos padecimentos, os diferenciados transtornos mentais, as abundantes mortes e os distintos suicídios, quase sempre causados por excessos de labor e pelos constrangimentos (objetivos e subjetivos) que são cada vez mais interiorizados, têm sido mais constantes em quase todos os cantos do mundo⁽³⁻⁶⁾.

O que explica que uma sociedade, no auge de seu avanço tecno-informacional-digital, vivencie infortúnios que deveriam ser mais típicos das sociedades pretéritas?

A resposta não pode comportar subterfúgios. Sendo expansionista em seus mecanismos de funcionamento e incontrollável em sua estonteante processualidade, o sistema de metabolismo social do capital^(3,7), dá cada vez mais concretude à expressiva metáfora do moinho satânico⁽⁸⁾. No sistema do capital,

¹ Mestre em Ciência Política. Doutor e Livre Docente em Sociologia. Professor da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, Brasil. rlcantunes53@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-9035-0033>

como o acumular e o enriquecer são seus objetivos vitais, suas engrenagens não possuem limites para a sua valorização.

Assim, sua letalidade encontra causalidades nos ritmos estonteantes de corrosão e derrelição do trabalho, na degradação da natureza, na segregação racial, na opressão de gênero, na discriminação étnica, dentre tantos outros traços que são cada vez mais considerados “normais” na vida cotidiana desenvolvida pela engenharia do capital e de suas corporações.

Seria um verdadeiro milagre que tal ordem destrutiva não produzisse tantos acidentes e padecimentos no trabalho. Por certo, sabe-se que esses fenômenos, em seus contornos mais gerais, encontram sua ontogênese na própria atividade laborativa, dado que os adoecimentos no labor nasceram com a própria constituição do ser social, em seus afazeres cotidianos.

Contudo, foi com a consolidação do sistema de metabolismo social do capital que ocorreu uma metamorfose mais profunda. Tratando-se de um mecanismo que não tem como prioridade o atendimento central das necessidades humano-sociais, mas que busca essencialmente a valorização do capital⁽⁷⁾, sua resultante maior, no universo da saúde, foi criar o que talvez possamos chamar de uma nova doença social, expressa nos acidentes, padecimentos e adoecimentos cujo nexos laboral tornou-se parte do cotidiano maquínico do trabalho sob o capital.

Com o envolver das distintas fases do capitalismo e particularmente em sua fase atual⁽⁹⁻¹⁰⁾, os trabalhadores e as trabalhadoras encontraram-se cada vez mais expostos a uma significativa intensificação dos ritmos, tempos e movimentos em seus trabalhos, tanto como consequência da ampliação da automação, da robótica e do universo informacional e digital na produção, todos sob impulsão das “leis de mercado”, mas também das novas modalidades de trabalho pautadas pela multifuncionalidade, pela polivalência, pela criação e expansão das células ou times de produção, inseridos todos em um complexo processo de interiorização das formas de envolvimento e sujeição.

Deu-se, então, a expressão do exercício de subjetividades inautênticas, diferenciando-as profundamente das formas autênticas da subjetividade que trabalha⁽³⁾. Isso porque, na primeira, a autonomia e a autoatividade estão presentes, ao passo que, na segunda modalidade, o que se tem é o incentivo de ações heterônomas, desprovidas de autenticidade e, por isso, submersas no mundo dos estranhamentos e das alienações⁽³⁾. Além desses elementos, pode-se constatar ainda que um segmento crescente da classe trabalhadora, que não para de se expandir, vivencia condições de trabalho cada vez mais precárias, com jornadas mais longas, crescentemente mais vulneráveis e instáveis⁽³⁾. Ver também o excelente estudo de Praun⁽¹¹⁾.

O advento e a monumental explosão da chamada uberização do trabalho é, então, a mais recente criação da desconstrução do trabalho. Afloram “novos” traços que estão presentes no trabalho uberizado: não há mais limites nem de tempo, nem de jornada de trabalho; a separação entre tempo de labor e tempo de vida parece desaparecer; as práticas laborativas são cada vez mais desregulamentadas; os direitos do trabalho sofrem um processo de corrosão cotidiano, e as intensidades e os ritmos do trabalho são exercitados ao limite. O vilipêndio torna-se “normal” no novo cotidiano do trabalho. Se pudermos usar uma metáfora, esparrama-se o mais recente descuido do trabalho.

A nova morfologia do trabalho, com suas clivagens e transversalidades entre trabalhadores e trabalhadoras; entre brancos, negros e índios; entre estáveis e intermitentes; jovens e idosos; qualificados e não qualificados; empregados e desempregados; nativos e imigrantes, dentre tantos outros exemplos, faz proliferar, então, um novo universo de adoecimentos, padecimentos e acidentes de trabalho⁽¹²⁾.

Como pensar, então, no trabalho na saúde e, em particular, no trabalho na enfermagem? Como entender uma modalidade de trabalho que é essencialmente destinada aos cuidados, que tem, desde suas origens, uma clara e marcante dimensão humano-societal, que lida diretamente com indivíduos humanos e sociais?

Como o trabalho dos médicos, o trabalho da enfermagem, sendo um exercício especial dos cuidados humanos, é, desde sua gênese, uma atividade humana vital dotada de um autêntico valor. Quando Marx⁽¹³⁾ afirmou, em “O Capital”, que, para a classe trabalhadora, ser produtiva para o capital não era sorte, mas azar, era sobre esse elemento fundamental que o filósofo alemão estava a discorrer: o trabalho como uma atividade vital, como um valor, uma atividade socialmente útil⁽¹³⁾.

O que é o trabalho em saúde, na medicina e na enfermagem, desenvolvidos em hospitais públicos, senão um trabalho que traz consigo todo o significado de um valor?

O que ocorre, quando este mesmo trabalho dos cuidados da saúde torna-se também (para além de seu significado vital), um trabalho produtivo para o capital? Quando os cuidados são inseridos (melhor dizendo, enquadrados) na lógica dos hospitais privados e mercadorizados, que, além de cuidar, lucram também, isto é, simultaneamente, criam valor e mais valor? A propósito deste ponto, ver as recentes e importantes contribuições ao estudo do trabalho em enfermagem de Santos⁽¹⁴⁾ e Perez Jr.⁽¹⁵⁾.

Nesse caso, a atividade dos cuidados passa a ter uma “segunda natureza”: mantém-se como uma atividade vital, humano-societal, mas “adquire” um “novo componente”, o de tornar-se também produtivo para o capital, uma vez que sua ação passa a ser moldada pelos imperativos do lucro e da acumulação (lógica que, em última instância, comanda os hospitais-empresariais). Neste caso, uma (estranha) criação floresce: valor e mais valor passam a fazer parte da mesma atividade; coexistem no interior do mesmo ser que trabalha.

Será, então, que o trabalho dos cuidados da enfermagem está vivenciando os tantos descuidos que hoje avassalam o ser social que trabalha?

Referências

1. Basso P. Tempos modernos, jornadas antigas: vidas de trabalho no início do século XXI. Campinas: Unicamp; 2018.
2. Druck G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? Caderno CRH. 2011;24(esp.1):37-57.
3. Antunes R. Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo; 2010.
4. Heloani R, Barreto M. Assédio moral: gestão por humilhação. Rio de Janeiro: Revan; 2018.
5. Seligmann-Silva E. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez; 2011.
6. Lourenço EÂS, Navarro VL. O avesso do trabalho III. Saúde do trabalhador e questões contemporâneas. São Paulo: Outras Expressões; 2013.
7. Mészáros I. Para além do capital. São Paulo: Boitempo; 2002.
8. Polanyi K. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus; 2000.
9. Harvey D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola; 2013.
10. Chesnais F. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã; 1996.
11. Praun L. Reestruturação produtiva, saúde e degradação do trabalho. Campinas, SP: Papel Social; 2016.
12. Antunes R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo; 2018.
13. Marx K. O capital: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo; 2013.
14. Santos TA. Precarização do trabalho em enfermagem em hospitais públicos estaduais (2015/17) [tese]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2018.
15. Perez Jr. E. Submissão, dominação e resistência dos trabalhadores de enfermagem no contexto neoliberal à luz de Pierre Bourdieu [tese]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2019.

Recebimento: 23 de outubro de 2019

Aprovação: 24 de outubro de 2019

Publicação: 20 de março de 2020



A *Revista Baiana de Enfermagem* utiliza a Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais. Embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.